



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

JUDICIUM (CONTO)

Autor(es)

AMAURI BALDINE

Contos / Cricas

Quando o despertador me deu o seu sonoro e sarcástico “bom dia”, eu já estava em pé há muito. O calor insuportável já era motivo mais que suficiente para não se perder as horas para o trabalho, aliás não podia sequer pensar na possibilidade de chegar atrasado; o julgamento seria logo pela manhã e meu cliente já deveria estar à porta do fórum.

Seis horas, e eu estava pronto, após um demorado banho frio, que mais pareceu um instante às portas do Paraíso.

De “volta à Terra”, segui, como de costume, até à padaria do seu Osmar e dona Catarina. Era esperado o “madrugou hoje”. O meu “bom dia” saiu mais por convenção.

O café veio fumegante na costumeira xícara, e com ele a tentativa de diálogo, iniciada pelo seu Osmar: “o calor está de matar”... “a previsão do tempo diz que vem um temporal dos bravos; já está formando um tempão”... “o senhor viu na televisão que um camarada conseguiu a paz entre judeus e palestinos?”

Estremeci.

Depois de um tempo disse a seu Osmar que ligasse a televisão. O chiado típico da velha Philco foi logo interrompido pela voz da repórter que invadiu o salão da padaria e dos ouvidos sonolentos dos proprietários e dos dois desconhecidos que faziam o desjejum. “inexplicável: pessoas do mundo inteiro simplesmente desapareceram, e não há a menor pista de seu paradeiro...” Agora, além de ouvidos, pares de olhos estavam despertos e vidrados na TV. Aquelas palavras a mim pareceram uma navalha afiadíssima me atingindo lancinante e me dilacerando os sentidos. Era gélida agora a minha alma; quase não pude evitar o pavor, sufocado entre as minhas mãos e minha boca, quando o agarrei como a um pássaro arredo.

Tudo era silêncio, à exceção do velho freezer que teimava em competir com o som da TV.

Ninguém esboçava a menor tentativa de arriscar qualquer comentário, nem eu, que sabia perfeitamente o que estava acontecendo. Aos poucos, opiniões de “especialistas” eram dadas ao mundo e iam de atentados terroristas a um caso coletivo de combustão espontânea e invasão de extraterrestres. Olhei para o café e sentia que meu interior tinha a mesma cor da bebida que já estava fria. Descansei a xícara no pires, levei as mãos suadas mais uma vez à boca; era inevitável o tremor. Súbito, entra no estabelecimento dona Conceição, vizinha de tanto tempo: “Catarina, Arlete não passou por aqui? Nem avisou que iria atrasar ou faltar hoje; tem tanta roupa pra lavar e nem sinal dela; essas empregadas...” “Viu a notícia, Conceição...?”

Afinal havia conversa, que até daria certa sensação de normalidade, não fosse o assunto novo e aterrador que ia mudando a face corada da pobre mulher em uma expressão pavorosa de espanto, à medida que a dona da padaria lhe relatava as “novidades”. Um dos estranhos pediu outra xícara de café. Não contive um riso, apesar de sofrido; a velha tentativa humana de reagir às adversidades, ou total alienação ao que estava acontecendo e ao que ainda estava por vir? Ao pensar nisto meu sorriso subitamente se desfez.

Já eram sete e quarenta e cinco. Chegaria atrasado ao trabalho. Ri novamente. Agradei ao bom Osmar, deitei no balcão uma nota de vinte e disse que poderia guardar o troco. Não sei por que não dei uma de cinquenta. Despedi-me. Ao sair, olhei para o céu em que se avizinhava a tormenta; dentro de mim ela já havia chegado naquela manhã, e seus estragos eram irreparáveis. Uma brisa morna e pesada me tocou a face. Cerrei os olhos e contive o choro. Baixei a cabeça e dei o primeiro passo rumo ao tribunal.

Amauri Baldine